

DINHEIRO E INTIMIDADE: UMA LEITURA DA PRODUÇÃO ESCRITA DE ROSARIO BLÉFARI A PARTIR DOS *DIARIOS* *SOBRE EL DINERO*

Joaquín Correa¹

RESUMO

Entre 2017 e 2018, a cantora, música, escritora, poeta, performer e atriz argentina Rosario Bléfari publicou no site *Indie Hoy* três entregas dos seus *Diarios sobre el dinero*. Poucas e esparsas, aparentemente isoladas, tinham sido até aquele momento as menções ao econômico em sua obra. O presente trabalho propõe, em primeiro lugar, uma leitura daqueles *Diarios* para, num segundo momento, indagar o silêncio do econômico em toda a obra escrita-ficcional toda de Rosario Bléfari, tentando encontrar num dos seus últimos textos a compreensão desse apagamento a partir de sua concepção do espaço da intimidade.

Palavras-chave: Rosario Bléfar, dinheiro, intimidade, economia.

As entradas dos *Diarios sobre el dinero* de Rosario Bléfari não estão ordenadas de modo cronológico e aparecem, antes bem, agrupadas de forma, à primeira vista, aleatória, começando numa entrada datada de “Agosto, 2012” e terminando em outra intitulada “Miércoles 11 de agosto 1999”. As formas de datar as entradas variam, então, tanto quanto o ritmo da escrita e o lapso temporal que elas cobrem: a entrada mais antiga está na primeira parte dos diários (“Domingo, principios de marzo, 1992”) e a mais recente é aquela datada dois dias antes (“Miércoles 15 de noviembre, 2017”) da segunda parte dos diários ser publicada no site *Indie Hoy*, no dia 17 de novembro de 2017. Desse modo, as três partes dos *Diarios sobre el dinero* cobrem um espaço que, embora supere os 25 anos, cabem nos exíguos limites de dez páginas do processador de textos, dando lugar à suposição do recorte das cenas de um *corpus* de escrita íntima maior, contidas talvez naquele caderno “sucio y desprolijo”, preenchido com “ráfagas

¹ Bolsista CAPES de doutorado no PPGLit, UFSC (Florianópolis, Brasil). Graduado em Letras pela Universidad Nacional de Mar del Plata. Mestre em Literaturas pela Universidade Federal de Santa Catarina. Pesquisador do Núcleo de Estudos Literários & Culturais (UFSC) e do grupo “Literatura, Política y Cambio” (UNMdP). E-mail: joaquin_medio@hotmail.com Gostaria de agradecer a Natalia Pérez Torres e Diego Moreira, sem a leitura deles este texto seria impossível.

de nada” (BLÉFARI, 2006) que aparece no centro de uma música do álbum *Misterio relámpago*, de 2006.

Os *Diarios sobre el dinero* poderiam ser definidos como os diários dos ganhos, das despesas e das perdas, apesar de que o foco nos gastos seja mais constante e as entradas do diário registrem as saídas diárias do dinheiro. Assim, por exemplo, na primeira cena oferecida nos diários é introduzida Natacha, a nova aluna da oficina particular e ambulante de poesia de Rosario, artista que construía as suas próprias câmeras fotográficas, de tipo estenopeico, e que procurava desenvolver uma série de cartas escritas para si própria, de Natacha para Natacha, que complementassem um dos seus projetos fotográficos, o registro estenopeico dos distintos lugares onde morou, às vezes como cuidadora de casas vazias. “Me pagó 400.- Le di la clase en Pizzicato, por ser la primera vez y porque yo no la conocía. Nos cambiamos de mesa en un momento para enchufar la computadora y yo me tomé antes un café con leche con medialunas de grasa que estaban deliciosas y me salieron 18 pesos” (BLÉFARI, 2017)², anotou Rosario no final da descrição da aula com Natacha. A entrada do diário intitulada “Agosto, 2012” conta com mais três fragmentos, onde podemos ler tanto a fugacidade ou desmaterialização imediata desses 400 pesos argentinos quanto o valor comparativo que possuem os ganhos obtidos por uma aula unipessoal de poesia, um dos vários trabalhos de Rosario Bléfari que aparecem nos diários, em relação às despesas quotidianas:

Me ametrallaron la cara con el láser –depilación definitiva- y pagué 190 pesos. A la mañana gasté 15 pesos en la librería: pegamento y palitos para brochette, cosas que necesitan para algún trabajo manual de la escuela [de Nina, sua filha]. Le compré también una malla nueva que me salió 85 pesos (con unos taponos para los oídos, 10 pesos), pero le resultó demasiado chica, así que mañana se la tengo que cambiar.

Escribo desde el bar San Lorenzo donde seguramente voy a gastar unos 20 pesos en el café y unas Bay Biscuits, y cuando venía de comprar la malla compré también cebollas de verdeo, un Morrón y apio que sumaron 8 pesos. (BLÉFARI, 2017)

Desse modo, a partir da disposição dos fragmentos recolhidos nas entradas do diário do mês de agosto de 2012, podemos estabelecer uma espécie de cálculo matemático. Se dos 400 pesos argentinos recebidos por uma quantidade x de horas de

² No final de agosto de 2012, o dólar para a venda estava cotado em \$4,65 e \$4,87 para a compra. Desse modo, a aula de poesia teria custado de 80 dólares.

aula particular de poesia subtrairmos \$ 18 do café com leite com croissants em Pizzicato, \$ 190 da depilação facial definitiva com laser, \$ 15 em coisinhas de livraria para os trabalhos escolares da filha, \$ 95 da roupa de banho e dos tampões para natação, também para a sua filha, \$ 20 do café com biscoitos no bar San Lorenzo e \$ 8 nas compras de vegetais, que são os gastos elencados nesses fragmentos, ainda teremos \$ 54. Quer dizer: uma quantidade x de trabalho na oficina particular e ambulante de poesia, recebida num dia também x de agosto de 2012, equivale a soma de um café com leite com croissants em Pizzicato, mais a depilação facial definitiva com laser, mais um conjunto de coisinhas de livraria para os trabalhos escolares da filha, mais a roupa de banho e aos tampões para natação, também para a sua filha, mais a um café com biscoitos no bar San Lorenzo e mais algumas compras pequenas de vegetais. O ensino da escrita, e não a escrita em si, ou, em outros termos, o ensino da escrita tornado viável pelo status adquirido tanto pela própria escrita quanto pelas outras atividades artísticas de Rosario Bléfari – que, por exemplo, aparecem enunciadas brevemente, mas significativamente na biografia que sucede ao título dos *Diários* no site: “Rosario Bléfari es actriz, música y poeta. En los ’90 lideró la banda Suárez. Es solista y también es la cantante de Sué Mon Mont. Editó cinco libros entre los que están *Antes del río* (Mansalva, 2016) y *Poemas en Prosa* (Belleza y Felicidad, 2001). Hace el podcast *Los Cartógrafos*” (BLÉFARI, 2017)³ –, taxado em \$400 por aula em agosto de 2012, possibilitam essa patafísica equação matemática. Não sabemos ainda quanto vale um dos seus poemas, uma das suas músicas, um dos seus textos ou demais intervenções artísticas.

A entrada seguinte do diário está datada com maior precisão e corresponde ao dia 25 de março de 2015. Com minúcia, as despesas, as dívidas e as formas que elas assumem são anotadas no diário. Dessa vez não há lucros imediatos, e qualquer entrada de dinheiro (possíveis recitais com Sué Mon Mont, uma das suas bandas, a venda de alguns livrinhos, direitos autorais e uma palestra) aparece num futuro algo distante e

³ Em “Acerca de mi”, breve texto de descrição pessoal que fecha a *nouvelle El cuerpo mártir*, publicada em 2014, Rosario Bléfari concluiu sua biografia dizendo: “Grabé discos con todas las canciones y las bandas. Actúo de vez en cuando en películas. Siempre escribo”. (Em: BLÉFARI, 2014, p. 99). Numa entrevista recente, a ideia da escrita enquanto fundamento vital aparece de novo: “De todas maneras mantengo el contacto con la escritura, ésa es mi guía y me permite proyectar, dejar cimientos para cosas que más adelante encontrarán su tiempo” (Em: GIGENA, 2017, p. 8). Na persistência da escrita em relação às intermitências das outras atividades, podemos ler também a justificativa pessoal dos \$ 400 por tempo de aula.

bastante disperso. À diferença da entrada anterior, situada dois anos e meio antes no tempo, não tem vontade de dar aulas e o valor dos gastos nos cafés dobraram. A desproporção da balança faz com que finalmente se pergunte se por acaso não “transcurre un solo día en el que no se produzca ni un solo gasto” (BLÉFARI, 2017).

Dessa entrada, os diários pulam para um domingo de princípio de 1992, e depois para quarta-feira, 6 de outubro de 1999, a década neoliberal menemista argentina em plena extensão. O valor das coisas é outro, está dolarizado, parece irrisório e lembra o universo cristalizado nas lojas de \$ 1,99. Na época, ao mesmo tempo que fazia parte de Suárez, mítica banda do *underground* dos anos de 1990, Rosario trabalhava como garçoneiro no bar Dos mundos. Pela primeira apresentação da banda em 1992, por exemplo, cada um dos integrantes – eram quatro – ganhou \$ 20. Mas o que aparece como fio condutor dessa década não é o lugar destacado que o prestígio de Suárez concedia, nem a paridade cambiária, e sim o desastre que se deixava adivinhar na decadência do país que ameaçava sigilosamente explodir a qualquer momento:

Miércoles 6 de octubre, 1999

(...) Ayer me fui temprano del trabajo. Primero pasé por el Banco Nación que está en Callao y Bartolomé Mitre. Ahí mismo donde íbamos con F. a cobrar el subsidio de desempleo hace cuatro años, cuando cerraron por primera vez el bar Dos mundos de Callao y Sarmiento y pusieron un Dunkin' Donuts.

Esa sucursal del banco es un lugar horrible. Pensé en volver con la cámara digital y sacar fotos. El ascensor, el vidrio roto como si le hubiesen disparado, esa iluminación lúgubre. Todo se ve deteriorado y sucio. Por suerte, en el segundo piso me atendieron rápido y me cambiaron los dólares. Cuando pregunté si me cambiaban también las monedas, la mujer me pidió verlas porque nunca había visto y me dijo que no, que para eso tenía que ir a una casa de cambio.

(...)

Después pasé por el Conicet a dejar los recibos de H., mi jefe, una dosis infinitesimal de trabajo extra muros, como dice él. Otro lugar para la fotografía del desastre. (BLÉFARI, 2017)

Alguns anos antes, no domingo, 26 de março de 1996, Rosario havia anotado na entrada recolhida na terceira entrega dos *Diários* esta visão do horror:

Al pasar por Avellaneda veo que, tal cual me dijo Daniela, están tirando abajo el ex frigorífico La negra, que luego fue Shopping Sur, y el espectáculo es escalofriante. Los pedazos de material cuelgan

pegados a las estructuras de hierro, una visión de horror. ¿Cómo no voy a mirar por última vez ese espacio que ahora flotará dentro de quién sabe qué otra estructura cuando edifiquen otra cosa? (BLÉFARI, 2018)

No final da década, e ainda em Suárez, Rosario parece perambular pela cidade a partir das diversas ocupações e trabalhos – *changas* – que tomam conta do seu tempo além da prestigiosa banda que liderava: “Mi vida diaria es guiada por una serie de tareas un poco imprecisas como las que hago en la casa de Callao”, dirá ainda quase vinte anos depois, no texto “San Juan y Perú” de *Antes del río*, descrevendo - paradoxalmente de modo muito vago - um emprego num lugar onde são realizados vários outros trabalhos e que bem poderia ser, de fato, um café. Voltando à sua casa aquele dia de outubro de 1999, a encontrou impregnada pelo cheiro “barato y dulzón” do pó do dinheiro que F., seu parceiro, trouxe de Belleza y Felicidad (onde, alguns meses antes, numa mostra, expusera um dos seus *collages*, que acabou por não conseguir vender) e que queimara antes de ela chegar. O cheiro do pó de dinheiro queimado de Belleza y Felicidad e a lembrança que a equivalência dos três sanduíches de pão de miga, que comprou por \$ 2,40, traz dos sanduíches do bairro polaco americano (nova-iorquino?), que custavam dois dólares, poderiam ser colocados como os símbolos econômicos da época neoliberal-menemista, enclausurada no agônico começo do século XXI, no assim chamado “argentino” do ano 2001, quando até chegou a cogitar pagar o seu aluguel mediante trabalho, graças ao escambo, ressurgido naquela época, como lembrou recentemente:

Uno de los tratos más informales lo tuve con el padre de una amiga para quien trabajé algunos años como asistente y a quien le alquilaba un monoambiente en el Bajo Belgrano. Como el sueldo que me pagaba era casi como el alquiler, en algún momento pensamos dejar de hacer el ridículo cambio de mano de billetes e incursionar en el trueque. No es casualidad que eran los años en los que estuvo en auge el trueque, a comienzos del siglo XXI. Pero me negué, prefería ver mi sueldo materializado en billetes y sentir que podía pagar el alquiler con dinero contante y sonante. Canjear trabajo por vivienda me parecía una especie de nebulosa. Cuando se cobra un sueldo, se puede pedir un aumento, se puede faltar y que te lo descuenten, hay aportes, ¿cómo íbamos a resolver todo eso? Y lo mismo con el alquiler. (BLÉFARI, 2019)

Na segunda entrega dos *Diários*, publicada no dia 17 de novembro de 2017, Rosario conta que perde dinheiro na rua na quarta-feira, 3 de abril de 2013, ganha uma

quantidade não especificada – que cobra mediante cheque – por um pequeno artigo sobre a banda Mujercitas Terror, que aparece num jornal em março de 2012, e registra o que aconteceu no dia 24 de março de 2015, isto é, um dia antes daquela entrada dos gastos minuciosos incluída na entrega anterior dos diários e, por sinal, feriado de grande carga simbólica na Argentina:

El fin de semana fui al banco y corroboré que estaba depositada la segunda cuota de la película. Entonces, hago algunos gastos pagando con la Visa débito de esa cuenta, la que tengo por la Asociación Argentina de Actores en Banco Provincia: aceite de oliva, queso y productos de limpieza, en el supermercado Día% por unos 400 pesos y en un chino compro dos vinos y soda. Me veo obligada a comprar dos porque para pagar con la tarjeta no aceptan compras por menos de 80, una novedad en este chino, que es de los pocos que aceptan tarjeta de débito. (BLÉFARI, 2017)

A soma que inaugurou os *Diários sobre o dinheiro*, 400 pesos argentinos, na entrada correspondente a agosto de 2012, a partir da cobrança por uma aula de criação poética, agora reaparece significando alguns gastos bem específicos no supermercado: azeite de oliva, queijo e produtos de limpeza. O diário, “atravesado por números, de cuánto salen las cosas y cuánto salían antes” (LUNA, 2019), aparece como uma ferramenta arqueológica do valor monetário das coisas. E, embora seja de todos os modos impossível fazer a equivalência, dada a desvalorização do peso argentino e a inflação no preço dos produtos e dos serviços nos anos recentes, é difícil não deixar de notar a recorrência do valor. Por outro lado, nas duas ocasiões, o dinheiro proveio de duas ocupações distintas de Rosario: ora as aulas de poesia, ora a atuação num filme. E, como se fossem compartimentos estanques, o dinheiro que provém dessa atividade artística em particular está localizado – depositado – num lugar diferente dos outros, uma conta bancária no Banco Provincia, por se tratar, no caso, de uma ação sindicalizada.

Depois dessa entrada, o diário dá um pulo para quarta-feira, 6 de outubro do ano de 1999, dia no qual Rosario abriu uma conta no banco depois da estreia de um filme. Ao voltar para casa, realizou uma série de ligações, que enumerou e descreveu brevemente, terminando o dia assim: “Sonó el teléfono y era D. que dijo que no quería hablar mucho para no gastar. Dice que le vinieron 50 pesos de llamados a celulares” (BLÉFARI, 2017). O tempo da ligação e o valor monetário que o serviço telefônico custava reapareceram na terceira entrega dos diários, na entrada do domingo 26 de

março de 1996: “Traté de que no nos extendiésemos mucho en la charla para que no gastaran tanto” (BLÉFARI, 2018). Novamente, portanto, se aproximam os significados do contar: contar o sucedido, contar o tempo, contar os gastos. Lembrar o sucedido, colocá-lo no diário e lembrar também dos gastos, anotá-los, discriminá-los, contá-los.

Se fizemos, agora, um rápido percurso pela obra escrita de Rosario Bléfari, deparar-nos-emos com uma surpresa: poucas e insignificantes são as menções ao dinheiro, ao trabalho, ao econômico num sentido geral, que ali encontraremos. Elenquemos apenas algumas. Em “Reconquista y Lavalle”, incluído em *Poemas en prosa*, publicado pelas Ediciones Belleza y Felicidad em 2001, aparece o dispêndio enquanto desejo tão ausente nos *Diários*: “Esos zapatitos de gamuza negra me gustan en serio. Son tan cristalinos y tan comunes. Tu pelo, mojado. Tu camperita. Ir y venir por el salón. ¡Dulces y saladas vidrieras, todo el tiempo quisiera gastar y comer!” (BLÉFARI, 2001, p. 5). E reaparece também, em “Bolsillos”, a perda do dinheiro, ou melhor dizendo: a sensação da perda de dinheiro, porque dinheiro é sempre aquilo que falta:

Botes vacíos contra la orilla de nuestro presentimiento. Uno dice perdí y las botas chocan. Muchas veces tengo la sensación de que perdí una aguja con un pedacito de hilo enhebrado. La puedo ver como una ilustración en un libro de lectura. El hilo se ondula y se pierde en el límite del dibujo, no sabemos si sigue más allá.

Muchas veces también siento que voy perdiendo plata, aunque no tenga, como si se me cayera al levantarme de un asiento o al sacar las manos de los bolsillos, en fin... (BLÉFARI, 2001, p. 18)

O dinheiro é aquilo que não se enquadra na frase de “Perfume”: “Hoy falta todo lo que siempre sobra” (BLÉFARI, 2001, p. 24), porque ele nunca sobra e sempre falta. Mas, além dessas menções muito específicas, o dinheiro não se manifesta de nenhuma outra forma nesse texto em que, outrossim, como acontece aliás em *Astri*, publicado também pelas Ediciones Belleza y Felicidad em 2008, o que tem valor é o banal. Ali, em *Astri, nouvelle* de forma coral, o dinheiro aparece diretamente relacionado à equação com o tempo de trabalho necessário para adquiri-lo. De caráter informal, sua aparição e possibilidade são da ordem do acaso:

Era un taller, tres veces por semana, seis horas. El equivalente a trescientos pesos por mes. Un golpe de suerte. El primer día se presentó unos minutos antes para desvestirse tranquilo y empezar en punto. Cuando pararon a descansar, lo felicitaron. Todos elogiaron su

capacidad para mantener y repetir las poses además de la inventiva. Eso siempre causaba sensación pero para él, lamentablemente, esos halagos no significaban nada. Posar era un oficio que practicaba por necesidad, cumpliendo. Algunos compañeros habían querido convencerlo para que organizara el sindicato de modelos, exigir tarifas mínimas, descansos obligatorios pero no quiso. Nunca tuvo problemas para hacer sus propios arreglos, que cada cual se las ingeniara. Si otros no eran capaces de convenir un precio, de imponer los descansos que necesitaban, no iba a andar detrás de nadie.

Uno de los alumnos de Parra le comentó que tenía un negocio de ropa de cuero en la calle Florida y que estaba buscando un estatista para promocionar el local. Nunca había hecho el trabajo, pero aceptó. Cuatro horas, los sábados, sesenta pesos. Con los descansos que quisiera, mientras estuviera cuatro horas posando. (BLÉFARI, 2008, p. 11-12)

Por fim, quando um dos personagens decide deixar de assistir às suas aulas de violão, a justificativa é a seguinte: “no puedo seguir gastando dinero en un refinamiento que no me da ninguna satisfacción” (BLÉFARI, 2008, p. 15). É claro: para ele, o dinheiro deve ser gasto naquilo que dá satisfação e é essa a sua única função ou programa.

A paixão pelos bares e cafés, locais ao mesmo tempo de descanso e trabalho para Rosario Bléfari, conforme aparece nos *Diários*, inaugura o poema “Orquídea y violetas”, de *La música equivocada*, de 2009: “Una selección de bares con nombres de flores para los encuentros / luz y fuerza, ¿cuánto se paga? / ya sé, me contesta, ya sé, nada más” (BLÉFARI, 2009, p. 12). O tempo, por ser o próprio do consumo, nesses espaços, tem um preço. A cena, em outro dos poemas do livro, “Soy”, reaparecerá ligada à identidade:

soy ahora esa mujer irritante
que le saca puntas a un lápiz sobre la mesa de un bar
y manda mensajes
soy la que mira la gente entrar
la que piensa “cómo pude hacer lo que hice”
soy la que se escucha a sí misma
la que se pone en el centro de su paneo
la que se distrae de las obligaciones
la desviada
la que escribe cualquier cosa
la que gasta lo que no puede
la que se despierta otra vez
con la misma palabra en la boca. (BLÉFARI, 2009, p. 19)

O gasto se manifesta ali vinculando a escrita indefinida – a partir da qual César Aira, aliás, definiria seu “ser-qualquer-coisa”, sem um julgamento de qualidade, como contemporânea em “Sobre el arte contemporáneo” –, ao dispêndio daquilo que não se tem. Escrita e dispêndio, assim, permanecendo fora dos padrões das obrigações, definem a identidade da voz do poema. Porém, são isoladas no espaço do poema as aparições do dinheiro, longe da minúcia dos diários, talvez definindo o poema naquilo que resta num verso de “No se me puede decir nada”: “No hablemos de hoy ni del trabajo ni del cambio de dinero” (BLÉFARI, 2009, p. 39).

Em “Cenicero”, um dos contos incluídos em *Mis ejemplos*, de 2016, por dez pesos argentinos um artesão grava o nome da pessoa num cinzeiro, condenando, no escasso valor, o vínculo de um nome afetivo com um objeto que só guarda a cinza dos cigarros. A vontade de assistir ao rápido e hábil trabalho do artesão com a madeira é a desculpa para investir num objeto que rapidamente perderá seu valor afetivo. Em “Lámparas de oca”, publicado em 2018 em *Las reuniones*, a narradora se detém num trabalho que começou sendo de transcrição do ditado de um romance estancado e que, aos poucos, passou a abarcar outros pequenos afazeres domésticos para culminar em uma demissão: “Nunca supe si me echaron por algo malo o por algo bueno. En ese momento creí que había sido algo económico, ellos parecían estar al borde de la quiebra, vivían de unas rentas que se achicaban y no querían retroceder con algunos gustos como el buen café” (BLÉFARI, 2018, p. 19-20). Na reescrita de *El cuerpo mártir*, “Sucumbir es adoptar costumbres”, também incluído nesse volume de 2018, as brigas do recém constituído casal passam pela situação precária da aposentadoria de um deles ou pelo apoio governamental às atividades culturais (em vez de colocar esse dinheiro em escolas ou hospitais). As atividades relacionadas com a escrita, os trabalhos-outros desenvolvidos como ganha-pão, aquela paixão pelo espaço-tempo dos cafés e bares junto com, por exemplo, a defesa das bicicletas enquanto meio de transporte e lazer serão visíveis, por fim e de um modo muito esparso, num dos últimos textos publicados por Rosario Bléfari, *Antes del río*, em novembro de 2016, no entanto sem nenhum vestígio econômico evidente. Está presente, de forma clara e, como afirma Alan Pauls, “cierta mística del trabajo no sacrificado, más emparentado con descargas como el baile o el entrenamiento que manual”, que levam a definí-la tanto como “artista multitasking” quanto como “poeta en overol” (PAULS, 2017). De fato, em uma

entrevista, Rosario declarava escrever seguindo o método das anotações, razão pela qual o gênero do poema em prosa era para ela o mais próximo. O acaso das anotações tinha no fundo uma conotação econômica: “Siempre es algo incrustado en medio de mil cosas que una hace para sobrevivir. La escritura son momentos robados a otras situaciones” (LEZCANO, 2017). A escrita, apenas desenvolvida nos interstícios entre trabalho e trabalho, é um roubo, uma vez que toma para si o tempo que devia ser destinado à atividade que dá renda. Eis o fundamento econômico desses textos.

É nas entrevistas posteriores aos *Diários* que aparece mais explícito o fundamento econômico da práxis artística: “Lo que no está tan bueno es que los artistas independientes necesitan que haya un contexto favorable para que las personas puedan asistir a los espectáculos, conciertos, comprar libros o discos, dependemos de la circulación del dinero como cualquiera” (MENDIBERRI, 2019). A cultura, espécie de luxo para o pensamento do mercado, precisa do excedente da circulação do dinheiro para assegurar sua existência. Os diários, nesse contexto, apareceram para tentar congelar o fluxo intermitente e efêmero próprio do dinheiro:

Con el dinero no sé cómo hago, no hago ninguna previsión, voy al día, como pavo ciego, hago y hago y hago pensando que seguro eso vuelve pero nunca sé bien cuándo voy a cobrar ni cuánto salvo algunos trabajos más puntuales donde hay un acuerdo de cantidad y fecha, pero las fechas siempre son relativas, así que no cuento con nada. Es un vértigo permanente. Por eso empecé a escribir el *Diario del dinero* para poder ver ese flujo del dinero, para poder verlo, como viene y se va. (...) Pensé que ya que el dinero se va y se va apenas llega lo mejor era escribirlo para retener algo de él. Es increíble el dinero, es algo con lo que estamos en contacto permanente, más que con nada, más de lo que sospechamos, por eso el diario, para ver lo que no se deja ver, lo más efímero del mundo, el dinero. (LEZANO, 2019)

Mas, se tudo aquilo que aparecia minuciosamente descrito nos *Diários* está ausente das suas outras intervenções artísticas, sejam as músicas, sejam os poemas e demais textos, podemos nos perguntar agora o porquê desse apagamento. A resposta, talvez, esteja no texto que ecoa a capa do volume, “Las partes íntimas”:

Estar a solas resuelve todo. Nadie que esté solo día y noche necesita momentos de intimidad. La idea de la posible reacción de los demás alista cuestiones en lo íntimo. Todo puede ser usado en nuestra contra si sale de esa esfera. Lo inexplicable, banal, asqueroso, provocativo, vulnerable o muy valioso piden intimidad. Bien lo sabe el tímido: todo es íntimo.

Alguien asiste a nuestra intimidad sin nuestro consentimiento, somos espiados o sorprendidos y la pérdida es demasiado importante, porque esa vida fuera de la mirada ajena es el sustento de la otra. Pero aún si fuésemos despojados de ese derecho siempre habrá una intimidad más allá de nuestros cuerpos y actos, la que no puede violarse. Incluso más allá de nuestro pensamiento y su lenguaje, hay un lugar recóndito donde no llega ni la luz de la propia conciencia. La morada de lo más íntimo, nuestro revés, nuestra cocina, nuestro «detrás de la escena», nuestra sala de máquinas, y no hay libre acceso para nadie. (BLÉFARI, 2016, p. 49)

A fotografia de Nora Lezano para a capa do volume publicado em 2016 pela Mansalva (**Fig. 1**), e os *Diarios sobre el dinero*, surgidos na virada do ano de 2017 para o de 2018 no site *Indie Hoy*, poderiam ser lidos como uma colocação em evidência dessas partes íntimas, desse anverso, dessa cozinha, desse “detrás de cena”, dessa sala de máquinas, como a passagem, tal qual ela própria definirá logo adiante no mesmo texto, dos atos íntimos para os atos de exposição, só possíveis quando alguma coisa está pronta. Se “lo íntimo es lo que todavía no está listo” (BLÉFARI, 2016, p. 49), isso que foi dado a ler é o êxtimo. E que aquilo que não se diz, aquilo que não se mostra seja o contato cotidiano com o dinheiro nessa produção toda de Rosario Bléfari o define, precisamente, enquanto fundamento do íntimo.

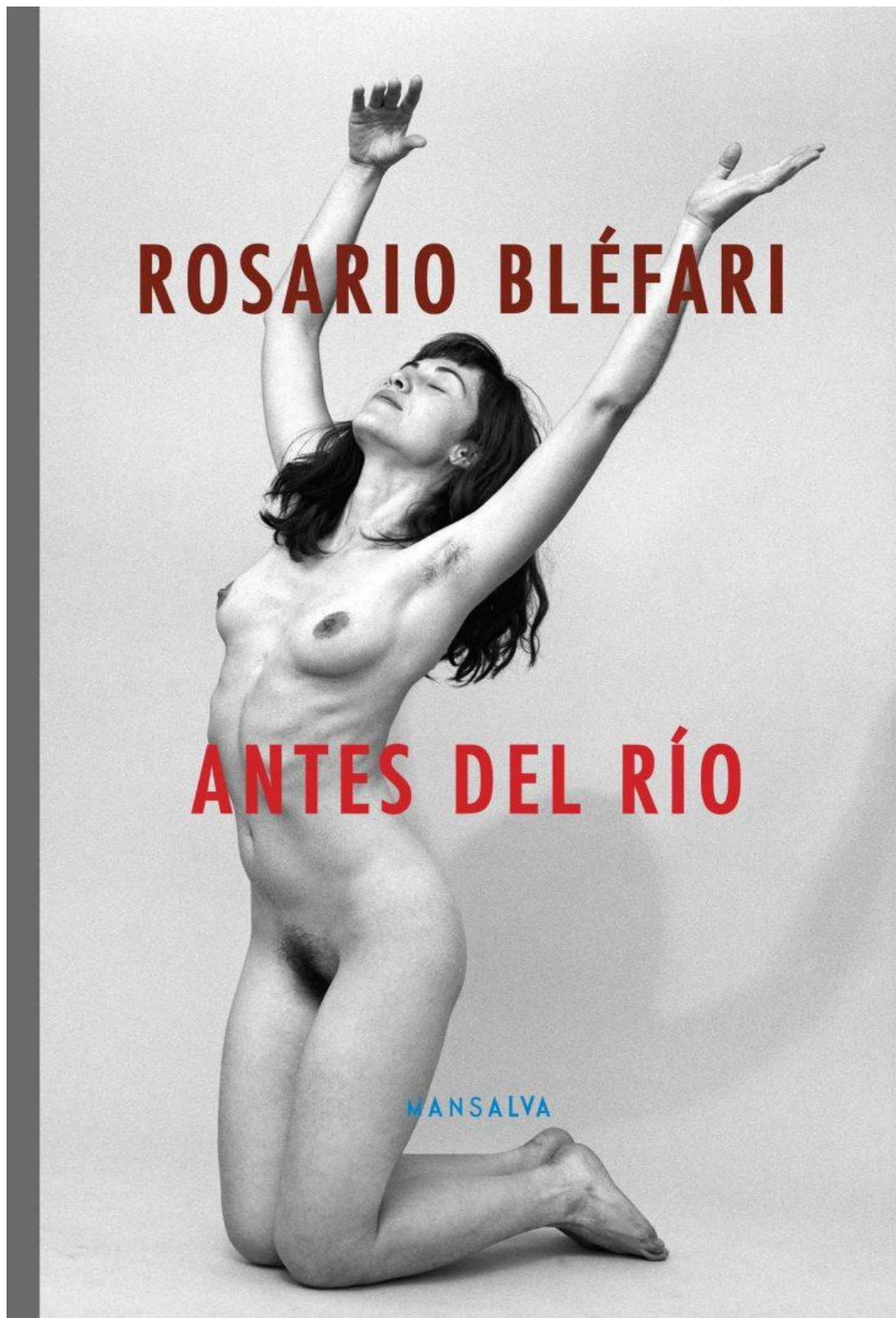


Figura 1: Capa de *Antes del río* de Rosario Bléfari sobre fotografía de Nora Lezano
Fonte: Mansalva

Referências

BLÉFARI, Rosario. *Poemas en prosa*. Buenos Aires: Ediciones Belleza y Felicidad, 2001.

BLÉFARI, Rosario. *Misterio relámpago*. Buenos Aires: FAN discos, 2006.

BLÉFARI, Rosario. *Astri*. Buenos Aires: Ediciones Belleza y Felicidad, 2008.

BLÉFARI, Rosario. *La música equivocada*. Buenos Aires: Mansalva, 2009.

BLÉFARI, Rosario. *El cuerpo mártir*. Buenos Aires: Alto pogo ediciones, el 8vo. Loco Ediciones, Milena Caserola, 2014.

BLÉFARI, Rosario. *Antes del río*. Buenos Aires: Mansalva, 2016.

BLÉFARI, Rosario. Diarios sobre el dinero. *Indie Hoy*, 13 de outubro de 2017. Disponível em: <https://indiehoj.com/apuntes/diarios-sobre-el-dinero/>. Acesso em: 3 de novembro de 2018.

BLÉFARI, Rosario. Diarios sobre el dinero #2. *Indie Hoy*, 17 de novembro de 2017. Disponível em: <https://indiehoj.com/apuntes/diarios-sobre-el-dinero-2/>. Acesso em: 3 de novembro de 2018.

BLÉFARI, Rosario. Diarios sobre el dinero #3. *Indie Hoy*, 19 de janeiro de 2018. Disponível em: <https://indiehoj.com/apuntes/diarios-dinero-3/>. Acesso em: 3 de novembro de 2018.

BLÉFARI, Rosario. Un lugar donde vivir. *La Agenda Revista*, 20 de março de 2019. Disponível em: <http://laagenda.buenosaires.gob.ar/post/183584472035/un-lugar-donde-vivir>. Acesso em: 22 de março de 2019.

BLÉFARI, Rosario. *Las reuniones*. Buenos Aires: Rosa Iceberg, 2018.

GIGENA, Daniel. Rosario Bléfari. Toda pérdida es un motor creativo. *La Nación*. p. 8, sábado 23 de fevereiro de 2017.

LEZCANO, Walter. Rosario Bléfari: «La escritura son momentos robados a otras situaciones». *Los Inrockuptibles*, 20 de fevereiro de 2017. Disponível em: <https://losinrocks.com/rosario-bl%C3%A9fari-la-escritura-son-momentos-robados-a-otras-situaciones-entrevista-927fec0a91d9>. Acesso em: 10 de janeiro de 2019.

LEZCANO, Walter. Rosario Bléfari: «El presente es mujer, y hace rato que lo es». *Almagro revista*, 30 de junho de 2019. Disponível em:

<http://almagrovevista.com.ar/rosario-blefari-el-presente-es-mujer-y-hace-rato-que-lo-es/>.
Aceso em: 10 de janeiro de 2020.

LUNA, Juan. A esta altura, el arte es lo único que tengo. *El diario de la República*, 21 de outubro de 2019. Disponível em: <https://www.eldiariodelarepublica.com/nota/2019-10-21-14-56-0--a-esta-altura-el-arte-es-lo-unico-que-tengo>. Aceso em: 10 de janeiro de 2020.

MENDIBERRI, María Pía. Rosario Bléfari: una artista libre, suelta por Neuquén. *Río Negro*, 18 de agosto de 2019. Disponível em: <https://www.rionegro.com.ar/rosario-blefari-una-artista-libre-suelta-por-neuquen-1076164/>. Aceso em: 10 de janeiro de 2020.

PAULS, Alan. El libro de la semana por Alan Pauls: "Antes del río", de Rosario Bléfari. *Télam*, 17 de fevereiro de 2017. Disponível em: <http://www.telam.com.ar/notas/201702/180103-el-libro-de-la-semana-x-alan-pauls-antes-del-rio-de-rosario-blefari.html>. Aceso em: 10 de janeiro de 2019.

MONEY AND INTIMACY: A READING OF ROSARIO BLÉFARI'S WRITTEN PRODUCTION FROM HIS *DIARIOS SOBRE EL DINERO*

ABSTRACT

Between 2017 and 2018, Argentine singer, songwriter, poet, performer and actress Rosario Bléfari published on *Indie Hoy* three parts of her *Diarios sobre el dinero*. The mentions of the economics in his works had been few and sparse, apparently isolated. This paper proposes, first, a reading of those journals in order to inquire the silence of the economic in the whole literary work of Rosario Bléfari, trying to find in one of her last texts the comprehension of this silence in her conception of the space of intimacy

Keywords: Rosario Bléfari, money, intimacy, economics.

Recebido em: 15/01/2020.

Aprovado em: 25/02/2020.